

# Interpretações sobre a memória da imigração japonesa : uma análise da série de televisão Haru e Natsu

*Ernani Oda\**

## **Resumo**

As comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil realizadas em 2008 produziram um enorme quantidade de discursos a respeito da memória da imigração. A maioria desses discursos enfatizava uma imagem de integração dos imigrantes japoneses na sociedade brasileira. Neste artigo procuro enfatizar que no Japão a imigração foi representada de maneira bastante diferente. Tendo como objetivo de análise uma série japonesa de televisão intitulada haru e Natsu, argumento que os japoneses são aqui vistos como japoneses que continuam até o fim leais ao ideal da nação japonesa. Esse tipo de representação só pode ser compreendido levando-se em conta o contexto da sociedade japonesa atual, em que uma corrente neonacionalista vem se fortalecendo desde a década de 90.

**Palavras-chave:** Imigração japonesa. Etnicidade. Memória. Representação. Nacionalidade.

## Introdução

As comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil, realizadas em 2008, produziram uma verdadeira enxurrada de discursos e representações relacionadas aos imigrantes japoneses em praticamente todos os meios de comunicação. Como em qualquer exercício de memória coletiva, as maneiras de retratar a imigração japonesa eram variadas e enfatizavam aspectos diversos. Esses discursos constituem um campo bastante fértil para investigar o processo pelo qual a formação da identidade étnica dos japoneses e seus descendentes no Brasil se entrecruza com a construção da memória da imigração. Alguns estudos já apresentaram análises interessantes sobre as comemorações do centenário, enfocando principalmente as atividades dos comitês e associações responsáveis pela organização dos eventos no Brasil. Kojima (2008), por exemplo, examinou como a noção de “mestiçagem” foi amplamente utilizada para enfatizar uma imagem de integração e ascensão socioeconômica dos japoneses na sociedade brasileira. Ishi (2009), por outro lado, ressalta que essa ênfase na ideia de integração levou uma parte dos imigrantes de primeira geração a sentir que a cultura japonesa foi negligenciada.

Neste artigo, porém, procuro tratar das relações entre etnicidade e memória presentes nas comemorações do centenário por um viés diferente. Ao invés de examinar apenas as representações produzidas no Brasil, pretendo analisar aqui um discurso sobre a imigração criado originalmente no Japão e que só posteriormente foi trazido ao Brasil. Refiro-me a uma série japonesa de televisão intitulada *Haru to Natsu: Todokanakatta Tegami* (em português: *Haru e Natsu: As Cartas que Não Chegaram*).

Como ficará claro nas páginas seguintes, devido ao contexto atual da sociedade japonesa, o modo como a memória da imigração japonesa é construída e veiculada nesta série televisiva segue uma lógica bastante particular, em que a imagem de integração e

ascensão dos imigrantes, tão frequente no Brasil, tende a ocupar uma posição secundária. Dessa forma, um estudo sobre essas representações geradas no Japão nos permite relativizar as representações produzidas no Brasil, mostrando mais uma vez que a construção da memória, longe de se basear em um retrato objetivo do passado, está sempre condicionada a um contexto específico e às relações de poder vividas no momento presente (HALBWACHS, 1992; ZERUBAVEL, 2003).

Embora não se possa tomar o discurso desta série televisiva como representando a visão da sociedade japonesa como um todo, procurarei mostrar que a simbologia de sua narrativa está diretamente correlacionada com alguns dos mais importantes problemas e conflitos sociais do Japão atual. Assim, o universo de questões abordado pela série é certamente representativo da sociedade japonesa mais ampla, ainda que a resposta específica dada pela série não possa ser generalizada. Isso justifica sua escolha como objeto de estudo.

### **Haru e Natsu: As Cartas que Não Chegaram**

Antes de entrar propriamente na análise de Haru e Natsu, convém primeiro mencionar algumas informações gerais sobre a série e trazer um breve resumo de seu enredo.

Haru e Natsu, série de cinco episódios da rede NHK do Japão, foi exibida na televisão japonesa em outubro de 2005, antes das comemorações do centenário. No entanto, o material de divulgação mencionava o centenário a ser comemorado em 2008, ano em que a série inclusive foi reprisada. No Brasil, a rede Bandeirantes exibiu Haru e Natsu em fevereiro de 2008.

O roteiro foi escrito por uma das mais famosas autoras televisivas: Sugako Hashida, conhecida principalmente pela série *Oshin* (1983-1984), enorme sucesso não apenas no Japão como também entre os japoneses e seus descendentes no Brasil. Devido ao grande prestígio que Hashida tem no meio televisivo japonês, o

que lhe permite, inclusive, escolher a dedo o elenco de suas obras, não é inadequado analisar Haru e Natsu privilegiando o aspecto do roteiro. Por isso, ao invés de examinar questões que são em geral de grande importância como a direção, a fotografia ou a montagem, estarei mais atento à história criada pela autora.

A série começa nos tempos atuais para depois recontar os eventos passados através de flashbacks. Para facilitar a exposição, porém, farei um resumo da trama seguindo a sua ordem cronológica.

A história trata da relação entre duas irmãs, Haru e Natsu, nascidas na província japonesa de Hokkaido. Na década de 30, devido às duras condições de vida no Japão, o pai das irmãs decide ir ao Brasil para juntar dinheiro trabalhando na lavoura do café com a mulher, os dois filhos mais velhos e as duas protagonistas ainda pequenas. Porém, um pouco antes da partida descobre-se que Natsu, a irmã mais nova, tem tracoma, uma doença simples, mas que não era aceita pelas autoridades brasileiras. Por isso, ela é obrigada a ficar no Japão, enquanto o resto da família vai para o Brasil com a promessa de retornar dentro de dois anos. Haru e Natsu se comprometem a continuar trocando cartas enquanto estiverem separadas.

No entanto, as cartas que Natsu envia para o Brasil não chegam à irmã porque a família foi para uma fazenda diferente da que havia sido designada inicialmente. Por outro lado, as cartas enviadas por Haru – inclusive aquela explicando a mudança de endereço – não chegam a Natsu porque a tia que ficou encarregada dela em Hokkaido esconde todas as cartas para ficar com o dinheiro que a família enviava nos envelopes.

As duas irmãs permanecem completamente separadas, cada uma vivendo toda espécie de sofrimentos e provações. No Brasil, Haru e sua família precisam superar a exploração na fazenda e a discriminação dos brasileiros, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, quando o Japão é declarado país inimigo. Todos esses problemas acabam por tornar impossível o retorno da família ao Japão. Em Hokkaido, Natsu tem de suportar os abusos da tia e

mesmo depois de fugir de casa precisa, mais tarde, passar pelos traumas da Segunda Guerra. Haru e Natsu constroem suas famílias, com Haru mantendo uma fazenda no interior de São Paulo, enquanto Natsu se torna uma empresária de sucesso em Hokkaido.

O reencontro se dá apenas nos dias atuais, quando Haru já envelhecida vai ao Japão para procurar, juntamente com o neto Yamato, a irmã perdida. Mesmo depois de encontrar Natsu, esta em princípio se recusa a recebê-los, porque acredita que foi abandonada e esquecida por Haru e pela família. Mas Natsu, graças à prima de Hokkaido que entrou em contato com ela depois de reconhecê-la em uma entrevista na televisão, recebe finalmente as cartas que a tia havia escondido e compreende por que a família não conseguiu retornar ao Japão. Da mesma forma, Haru pede ao filho no Brasil para procurar no correio as cartas enviadas por Natsu e ele surpreendentemente consegue achá-las. As duas irmãs se encontram mais uma vez e se reconciliam. No final, descobrimos que Natsu na realidade foi recentemente obrigada a vender sua empresa e perdeu seu negócio. Haru, então, a convence a ir viver com ela no Brasil.

### **Nacionalismo dos imigrantes e decepção com o Japão atual**

Embora a trama gire em torno do amor entre as duas irmãs, fica bastante claro desde as primeiras cenas que este tema é construído em paralelo com a ideia do amor pelo Japão. Tão intenso quanto o amor entre Haru e Natsu é o amor que os imigrantes japoneses sentem pela nação japonesa. Da mesma forma que Haru deixa Natsu para trás com a promessa de voltar para reencontrá-la, os imigrantes japoneses se comprometem a jamais esquecer sua identidade nacional.

A figura mais característica neste sentido é o pai das irmãs, que em uma conversa com um outro imigrante durante a viagem ao Brasil enfatiza que pretende voltar o quanto antes ao Japão, pois tem orgulho de ser japonês. E mesmo outros personagens de

imigrantes que pretendem viver em definitivo no Brasil fazem questão de ressaltar que eles sempre preservarão o que eles consideram como espírito japonês. Um amigo da família das protagonistas deixa claro que: “Não é porque eu vou viver no Brasil para sempre que eu vou virar brasileiro. Eu sempre serei japonês e eu quero mostrar aos brasileiros todo o vigor e a bravura do povo japonês”.

Este tema do amor pelo Japão se radicaliza nos episódios que tratam da Segunda Guerra Mundial. Uma vez que o Japão é declarado país inimigo, a sociedade brasileira passa a perseguir os imigrantes japoneses, fazendo com que o pai de Haru e Natsu, cada vez mais ressentido, se torne ainda mais apegado ao Japão. Mesmo com o fim da guerra, ele não aceita a derrota japonesa, para ele uma mentira inventada para desmoralizar os imigrantes, e junto com outros colegas passa a atacar outros japoneses que não acreditam na vitória japonesa.

Este episódio na história da imigração japonesa envolvendo os conflitos entre kachigumi (vitoristas) e makegumi (derrotistas) tem sido bastante estudado nos últimos anos (LESSER, 1999; DEZEM, 2000). O que interessa registrar aqui é que nesta série de televisão os vitoristas são vistos sob uma ótica relativamente positiva. Apesar de a violência perpetrada ser condenada, a atitude de dedicação ao Japão é amplamente louvada. Quando o pai morre, uma de suas vítimas – com quem eventualmente ele faz as pazes – aparece na frente de seu túmulo chorando copiosamente, dizendo: “era impossível para você viver sem acreditar no Japão”. Há uma certa vergonha nesta frase, pois o pai de Haru e Natsu, apesar de seu radicalismo, foi capaz de preservar uma lealdade que os derrotistas supostamente não teriam conseguido manter.

Vale ressaltar que este nacionalismo não é mostrado como exclusividade da geração mais velha. A própria Haru, apesar de se sentir muitas vezes motivada a se deixar assimilar pela sociedade brasileira, aprendendo o português e comendo comidas brasileiras, se mostra, ao final, bastante leal à sua identidade japonesa. Ela se casa com um amigo de infância e junto com ele começa a

plantar e vender crisântemos, a flor-símbolo da família imperial japonesa. E, ao voltar ao Japão para encontrar a irmã Natsu, ela explica que seu sonho em princípio é: “encontrar a minha irmã com saúde e passar com ela a minha velhice no Japão. Eu sou japonesa e como tal queria voltar à terra japonesa”.

E até mesmo seu neto, Yamato, embora nascido e criado no Brasil, compartilha esse amor pelo Japão. O próprio nome do personagem é sugestivo, pois é um nome geralmente usado para se referir ao Japão e a um ideal de espírito japonês. Além disso, o jovem possui cidadania japonesa e seu maior objetivo é se formar em uma universidade japonesa, treinar judô e um dia representar o Japão nos jogos olímpicos.

Dessa forma, o ideal de integração ou assimilação dos japoneses na sociedade brasileira tem um espaço muito reduzido em *Haru e Natsu*. Na realidade, existe um elemento que poderia, em princípio, parecer uma concessão a esse ideal: o casamento de um dos filhos de Natsu com uma brasileira não descendente de japoneses. O casamento cria uma crise dentro da família porque Haru se recusa a aceitar a noiva, mas, eventualmente, ocorre uma reconciliação.

No entanto, é preciso enfatizar que, longe de sugerir integração ou assimilação, este episódio no fundo reforça a primazia da identidade japonesa. Primeiro, porque a personagem da noiva é fluente em japonês. Isso deixa claro que não é qualquer casamento que pode ser aceito, mas somente aquele com alguém disposto a incorporar a cultura japonesa. E segundo, porque a reconciliação só ocorre depois que a noiva prova, por assim dizer, sua lealdade ao espírito japonês. Os negócios da família vendendo crisântemos entram em crise e eles são obrigados a se desfazer das flores. A nora, que apesar da briga com a sogra trabalha na fazenda, se desfaz em lágrimas enquanto joga fora os crisântemos. É somente ao ver essa demonstração de dedicação às flores do imperador japonês que Haru finalmente consegue aceitar a nora.

É esse entusiasmo nacionalista que, em parte, motiva Haru a retornar ao Japão em busca de Natsu. Embora num nível superfíci-

al, Haru pareça apenas motivada pelo sentimento de amor pela irmã, essa jornada é obviamente uma metáfora para a busca pela identidade nacional japonesa.

No Japão, porém, Haru tem de lidar com uma série de decepções. Apesar de todo o amor e orgulho que ela tem pela nação japonesa, ela é recebida com absoluta frieza por parte dos japoneses. Ao visitar a casa da irmã, a empregada responde seca e rudemente, mandando Haru procurar por Natsu na empresa. Lá, as recepcionistas novamente a tratam com desprezo e escárnio. Como foi dito acima, Natsu também é fria com a irmã – embora isso se deva ao fato de ela acreditar que foi abandonada.

É importante destacar que esta frieza não é mostrada como algo especificamente direcionado às pessoas que vêm do Brasil. Os japoneses são frios também entre si. Por exemplo, embora os filhos de Natsu peçam para a mãe não se encontrar mais com Haru porque acreditam que ela deve ser uma farsante querendo se aproveitar do sucesso de Natsu, eles mesmos só procuram a mãe para pedir dinheiro emprestado. Assim, também Natsu se encontra solitária e hostilizada no Japão.

Embora não seja raro encontrar no Brasil estereótipos dos japoneses como um povo frio ou distante devido a algum atributo cultural, a frieza dos japoneses em Haru e Natsu é descrita de uma maneira bastante diferente. Os japoneses não são vistos como frios por natureza; a frieza é algo que aparece no Japão como uma característica dos dias atuais. É verdade que Natsu sofreu nas mãos de sua tia quando pequena, mas, depois de fugir de casa, ela foi acolhida por um generoso criador de vacas e, mais tarde, contou com o apoio de dois amigos que a ajudaram a continuar a criação das vacas durante a Segunda Guerra Mundial. É somente depois da guerra que ela passa a se tornar cada vez mais isolada e infeliz.

Quem vem para resgatar Natsu dessa condição é justamente Haru, com seu entusiasmo e sua inabalável dedicação à nação japonesa. Juntas, as duas irmãs percebem que o verdadeiro Japão, o Japão que elas tanto amam, não existe mais. Ou melhor,



ele agora já não está no Japão e sim no Brasil, cultivado pelos imigrantes japoneses que fizeram de tudo para preservá-lo. A imigração, portanto, não é vista em Haru e Natsu como um processo de integração entre a cultura brasileira e japonesa, mas sim como a longa formação de um refúgio onde a cultura japonesa permanece intacta e para onde os japoneses frustrados com o Japão atual podem se abrigar. Não surpreende, portanto, que ao final as duas decidam partir para viver no Brasil.

### **Um exemplo do nacionalismo japonês contemporâneo**

Mas por que a série acaba privilegiando esse tipo específico de imagem ao construir sua versão da imigração japonesa no Brasil? Em princípio poderia parecer apenas natural que um programa produzido no Japão para um público japonês enfatize nos imigrantes japoneses apenas aquilo que eles preservam de “tipicamente” japonês, uma vez que todo Estado-nação tenderia a incentivar discursos nacionalistas que confirmam a força e o vigor de sua cultura nacional, ainda que em terras estrangeiras. De fato, é um certo nacionalismo japonês que está por trás da interpretação adotada em Haru e Natsu. No entanto, mais do que um dado universal do Estado-nação, este nacionalismo é um fenômeno relativamente recente na sociedade japonesa, e vale a pena nos determos um pouco mais sobre este problema.

Como afirmam alguns dos mais importantes sociólogos japoneses contemporâneos, entre o fim da Segunda Guerra Mundial e começo da década de 1990, o nacionalismo e o apego às tradições japonesas perderam muito de sua popularidade, dando lugar a ideologias centradas nos ideais de modernização, internacionalização e, mais tarde, globalização. É somente a partir da década de 90 que a situação se inverte e movimentos pela retomada do orgulho nacional e das tradições culturais se fortalecem novamente (OHSAWA, 1998; KITADA, 2005).

Dois fatores foram decisivos para esta transformação: o fim da guerra fria e o início de um período de recessão devido ao estouro

da bolha financeira que até então vinha sustentando a economia japonesa. A instabilidade de um novo cenário político mundial muito mais complexo e o enfraquecimento da economia japonesa colocaram o Japão em uma posição de grande insegurança e ansiedade. Uma das respostas – embora não a única – a esta situação foi justamente um refortalecimento de tendências nacionalistas, segundo as quais a única solução para superar a fragmentação social provocada pela crise seria criticar os valores materialistas e capitalistas do mundo ocidental a fim de retomar o orgulho nacional e as tradições culturais (YODA, 2006; KOSCHMANN, 2006).

Estava armado o palco para o surgimento do que se convencionou chamar de “neonacionalismo” (neonashonarizumu). Este esteve presente em uma renovada devoção a símbolos nacionais, como a bandeira e o hino japoneses. Mas talvez a principal arena de atuação dos neonacionalistas foi o intenso debate a respeito de como interpretar a história. Diversos políticos, intelectuais, artistas e personalidades midiáticas de toda espécie passaram a exigir que a sociedade japonesa revisse o modo como sua história vinha sendo contada até então, especialmente a respeito da dominação colonial japonesa na Ásia e do papel do Japão na Segunda Guerra Mundial. Esse revisionismo histórico muitas vezes significava negar ou atenuar a violência e a exploração praticada pelo Japão na Coreia, China, Formosa e outros territórios asiáticos entre os séculos XIX e XX. Para os revisionistas, o Japão estava, no fundo, apenas tentando proteger e desenvolver essas regiões, ao mesmo tempo em que as defendia do imperialismo capitalista ocidental, este sim a verdadeira fonte de todos os males na Ásia. Para os neonacionalistas, com a derrota japonesa na Segunda Guerra, o ocidente, principalmente os EUA, teriam inventado uma falsa imagem do Japão como agressor, e isso eventualmente acabou sendo internalizado pela população japonesa. E é justamente essa imagem autodepreciativa que os neonacionalistas acreditam ser necessário destruir para restaurar o espírito japonês (OHSAWA, 1998; KANG, 2005; IVY, 2006).

Meu argumento é o de que Haru e Natsu se insere justamente nessa corrente revisionista do neonacionalismo japonês contemporâneo. O uso que a série faz da memória da imigração japonesa no Brasil para criticar a frieza do Japão atual e louvar a dedicação que os imigrantes japoneses preservam pelas tradições japonesas está diretamente ligado aos esforços dos revisionistas. Isto se torna bastante claro se examinarmos mais detalhadamente o modo específico pelo qual a série tenta explicar por que a sociedade japonesa acabou se tornando tão fria e por que os imigrantes no Brasil puderam continuar fiéis à cultura japonesa. É esse o problema a ser tratado na próxima seção.

### **O “mal-estar na civilização” e o “bom selvagem”**

Não é difícil perceber que a partir do momento em que a série começa a tratar da Segunda Guerra Mundial, a personagem de Natsu passa a funcionar como símbolo do Japão como um todo. Durante a guerra ela continua, junto com dois fiéis amigos, criando vacas e produzindo leite e queijos para a comunidade local, pela qual ela sente uma grande afeição. No entanto, sua produção é quase toda confiscada pelos militares com a desculpa de que ela precisa contribuir para alimentar os soldados. Este é o único momento em que os militares são retratados negativamente, mas, como veremos, isso não implica uma atitude completamente crítica por parte da série em relação ao militarismo.

Com o fim da guerra, Natsu se sente aliviada e esperançosa, pois, sem a exploração dos militares, as possibilidades para o futuro parecem promissoras. Ainda junto com os dois amigos, ela começa a vender seus produtos no mercado negro e consegue se manter economicamente. Entretanto, a devoção anterior pela comunidade desaparece e passa a dar lugar a um certo interesse em ganhar dinheiro.

O fator decisivo aqui é a entrada em cena do personagem chamado George, um soldado americano descendente de japoneses que conhece Natsu no mercado negro e começa a ter com ela

um relacionamento amoroso. Mais do que mero interesse romântico – vale notar que Natsu não se mostra em nenhum momento apaixonada – George, símbolo da influência americana, aparece aqui como um verdadeiro mensageiro do capitalismo. Ele oferece a Natsu alguns biscoitos, e depois de prová-los ela decide fabricá-los para vender no mercado negro. George se compromete não apenas a ensinar a receita, mas também a fornecer as máquinas para a montagem da fábrica. Ele promete ainda resolver qualquer problema que possa haver com a fiscalização do mercado negro, encarregando-se, assim, do mesmo papel de proteção que as forças militares americanas assumiram na defesa do território japonês depois que o Japão se comprometeu a abolir seu exército.

Tudo parece apontar para um novo período de prosperidade econômica e Natsu anuncia a seus dois amigos que vai se casar com George, selando, assim, a aliança entre Japão e Estados Unidos através de uma metáfora sexual. Os amigos, porém, se revoltam com a notícia. Para eles, casar com um americano “é algo que uma japonesa não deve fazer”, porque “os americanos mataram inúmeros japoneses”. Natsu rebate que “é a guerra, as pessoas se matam, não há o que fazer”. Mas para os amigos “com os Estados Unidos é diferente! Eles bombardeiam a torto e direito. Eles matam velhos e crianças. E ainda jogaram a bomba atômica!” Natsu responde que já é tarde para romper o noivado, porque ela está grávida de George. Os amigos, decepcionados, partem em definitivo.

Este trecho é extremamente interessante porque parece haver em princípio uma certa ambiguidade no modo como Natsu e seus amigos são retratados. A cena em que os amigos acusam os Estados Unidos de serem “diferentes” e especialmente cruéis por matarem “velhos e crianças” poderia parecer, à primeira vista, uma forma de crítica ou ironia, já que é exatamente isso que muitos soldados japoneses faziam quando invadiam outros países asiáticos. Poderíamos pensar então que a série estaria colocando Natsu na posição de vítima de intolerância e discriminação por parte de japoneses ignorantes dos crimes cometidos pelo próprio Japão e,

ainda por cima, hipócritas, afinal, como a própria Natsu afirma, os dois “se beneficiaram da ajuda do George. Se vocês odeiam tanto os americanos, por que aceitaram trabalhar com ele?”

No entanto, à medida que a trama prossegue, percebemos que a narrativa está claramente tomando o partido dos amigos e censurando Natsu. Depois que os amigos a abandonam, George avisa que precisa voltar para os EUA para cuidar da mãe. Ele chama Natsu para ir com ele, mas ela se recusa. Os dois travam uma discussão e George decide primeiro voltar para os EUA sozinho, prometendo voltar para buscar Natsu e o filho. George, porém, não retorna e não manda nenhuma notícia. Natsu diz então: “Foi um castigo. Eu traí o Kinta e o Tsutomu [os amigos] confiando em um americano.” A união entre Japão e EUA assim é vista como produzindo apenas materialismo e decadência moral.

Porém, a condenação de Natsu não se encerra aqui. Alguns anos mais tarde, diante do surgimento de concorrentes, ela sente que pode melhorar seus negócios se casando com um conhecido comerciante, e dessa união nasce o segundo filho. O casamento, claramente um cálculo empresarial, mostra Natsu como uma mulher que sacrifica sua integridade para conseguir alcançar o sucesso. A narrativa está obviamente se referindo aqui ao próprio Japão do pós-guerra, que teria se tornado uma potência econômica mundial adotando os valores capitalistas do ocidente, esquecendo assim sua suposta moral tradicional.

E não esqueçamos que o filho de Natsu e George irá no futuro se tornar um homem frio que se aproximará da mãe apenas para pedir dinheiro. Também o segundo filho crescerá interesseiro e insensível. Isso revela na narrativa um forte determinismo biológico e cultural, em que a herança do “sangue” americano e a lógica empresarial introduzida durante a ocupação americana teriam eliminado uma suposta inocência inerente aos japoneses e comprometido a geração nascida depois da guerra.

Temos, assim, uma representação plenamente compatível com as teses do neonacionalismo japonês descrito na seção anteri-

or. O capitalismo ocidental teria desvirtuado o Japão e corrompido o espírito japonês. Surge um sentimento de nostalgia pelas tradições perdidas e por um tempo em que as pessoas ainda não tinham se deixado dominar pelo interesse por ganhos materiais.

Assim como os neonacionalistas, porém, Haru e Natsu vai mais além do que a mera nostalgia. A série propõe como solução para essa crise moral, o retorno à autêntica cultura japonesa. Mas como essa cultura japonesa pura e imaculada já não existe mais no Japão, ela só poderá ser resgatada através dos imigrantes japoneses no Brasil, pois estes teriam sido os únicos capazes de preservá-la.

A experiência de Haru no Brasil a partir da Segunda Guerra Mundial mostra como a narrativa tenta justificar essa ideia. Durante a guerra Haru certamente sofreu com o fanatismo nacionalista do pai. Mas é importante ressaltar que ela, em nenhum momento se volta contra esse nacionalismo. Haru se envolve romanticamente com um jovem que não acredita na vitória japonesa, e que está disposto a assimilar a cultura brasileira. Isso provoca a fúria do pai, que não aceita o relacionamento. Mas ao invés de lutar pelos seus sentimentos e ir contra o pai, ela decide romper com o jovem e continuar fiel à família. Esta fidelidade é reveladora quanto ao tipo de ideologia veiculada pela série e o paralelo quase direto com o revisionismo nacionalista japonês atual. Por isso, vale a pena examiná-lo mais detidamente.

Com o fim da guerra, Haru se mostra inconformada com o nacionalismo e o radicalismo do pai, implorando para que ele abra os olhos e aceite a derrota japonesa. Porém, um acontecimento em particular faz com que ela mude de atitude: ainda durante a guerra, um de seus irmãos mais velhos havia conhecido por acaso um militar japonês de passagem pelo Brasil que o convence a voltar para o Japão e se alistar na marinha japonesa para lutar pelo imperador japonês. O pai ao saber da notícia se enche de orgulho, embora o resto da família fique apreensiva com os perigos a que o jovem ficaria exposto. Terminada a guerra, o militar faz uma visita à família de Haru para informar que o rapaz morreu em combate

como piloto kamikaze. É neste momento que se passa um dos episódios mais significativos da série.

O pai, apesar da tristeza, se mostra satisfeito com o heroísmo do filho. Mas mais do que isso, a morte do filho faz com que o pai tenha certeza de que o Japão não perdeu a guerra, pois é inconcebível para ele que apesar do sacrifício do próprio filho o Japão pudesse ser derrotado: “É impossível que o Japão que o Minoru (o filho) está protegendo possa perder.” A mãe de Haru e Natsu, ouvindo isso, pela primeira vez se mostra solidária com o radicalismo do pai e complementa: “Se nós não acreditarmos que o Japão ganhou, é uma judiação com o Minoru”. E até Haru se junta aos dois ao dizer que “eu quero poder deixar o meu pai acreditar que o Japão venceu. Caso contrário, a morte do meu irmão vai ter sido em vão”. Ou seja, embora as duas não aprovem propriamente o comportamento do pai, elas entendem, perdoam, e até mesmo apóiam o pai porque acreditam que questionar o Japão é questionar a memória do irmão. Em função destes aspectos, ressaltei anteriormente que a série não é verdadeiramente crítica com relação ao militarismo.

Este tipo de discurso é paradigmático de uma das estratégias mais frequentes – e mais questionáveis – usadas por autores neonacionalistas no Japão. O crítico literário Norihiro Kato é aqui a figura mais representativa. Em um livro extremamente influente e polêmico ele argumenta que, embora não se deva apagar os erros e a violência cometidos pelo Japão durante a guerra, não se deve, pelo menos por enquanto, enfatizar demais esse aspecto da história, sob o risco de fazer com que as mortes dos soldados e dos civis japoneses tenham sido em vão. Assim como a personagem de Haru, Kato não aprova tudo que diz respeito ao Japão, mas ele com certeza sugere que não convém, pelo menos por enquanto, tocar em certos aspectos mais negativos que poderiam minar a autoestima japonesa (KATO, 1997).

A preocupação principal em Haru e Natsu, portanto, é reafirmar e legitimar o vigor e a infalibilidade da nação japonesa. E

assim como no caso de Natsu, também em Haru a relação entre identidade japonesa e sexualidade tem um papel significativo. Enquanto Natsu é condenada por sua sexualidade, “entregando-se” a um americano e depois a um japonês por puro interesse, Haru preserva o ideal da mulher virginal. Ela se recusa a casar com o rapaz brasileiro, apesar de sentir atraída por ele, ou seja, Haru é casta o bastante para resistir a seus impulsos sexuais em nome da fidelidade ao pai e à nação japonesa. Ela se casa mais tarde, ainda virgem (e de quimono!), com Takuya, um amigo de infância, o que enfatiza ainda mais a suposta pureza do relacionamento entre os dois.

E como que em paralelo a George, Takuya também surge como a incorporação de todo um sistema social e econômico. Se George era o capitalismo encarnado, Takuya aparece como o ideal da comunidade rural. Takuya se formou em agronomia na faculdade e foi para a cidade de São Paulo, mas não conseguiu se adaptar à atividade comercial da família. Ele se interessa pelo campo e pela natureza, e, como foi dito acima, decide plantar crisântemos, o que revela indiretamente sua lealdade ao imperador que essas flores representam. E mesmo com o fim da produção de crisântemos, a família continua vivendo no campo cultivando a terra. Na sua fazenda, Haru e Takuya conseguem permanecer a salvo das influências nocivas do capitalismo e da modernidade que infestam as cidades, e criar os filhos em um ambiente de amor pelo que eles acreditam ser a tradição japonesa.

Fica claro, então, qual o sentido da narrativa em Haru e Natsu. Como foi apontado acima, a memória da imigração japonesa é usada como pretexto para criticar a frieza da sociedade japonesa atual e idealizar os imigrantes japoneses como guardiães da autêntica cultura japonesa. Em uma análise mais detida, no entanto, a frieza da sociedade japonesa revela ser nada menos do que um certo modo de vida capitalista e ocidentalizado que, ao enfatizar a prosperidade material, acabou sacrificando os valores morais da tradição japonesa. Para usar uma expressão famosa, a série está



lamentando o “mal-estar na civilização” que se formou no Japão depois da Segunda Guerra Mundial. Como remédio para essa crise moral, a série aponta para os imigrantes japoneses que permaneceram fiéis ao Japão apesar dos abusos cometidos pelo exército japonês na Ásia e pelos radicais vitoristas no Brasil. E o grande mérito desses imigrantes estaria no estilo de vida pré-capitalista, comunitário e rural que eles teriam conseguido preservar. Para usar outra expressão igualmente famosa, os imigrantes são os “bons selvagens” da história. Aliás, a própria autora de Haru e Natsu é explícita a este respeito. No web site oficial da série ela diz: “No final, eu acredito que aqueles que cuidaram da terra é que são os mais felizes. No Japão isso não aconteceu. Nós tivemos a era vazia da bolha financeira [década de 80] em que não se vendia nada, apenas se acumulava dinheiro. A base para a vida do ser humano está em fincar o pé na terra, e junto com a família viver a partir do seu próprio esforço, mesmo que na pobreza.”<sup>1</sup>

Isto explica por que em Haru e Natsu há um aspecto da memória da imigração japonesa no Brasil que está estranhamente ausente: a escola, que não é vista em momento algum na série.

As representações da imigração japonesa produzidas no Brasil frequentemente mostram as comunidades de imigrantes japoneses preocupadas em construir escolas para as crianças. Os filmes de Tizuka Yamazaki são um exemplo claro disso, e durante as comemorações do centenário os imigrantes costumavam ser retratados como pessoas particularmente preocupadas com a educação dos filhos. A principal razão para essa ênfase na educação e na imagem da escola está no modo como os imigrantes japoneses, principalmente a partir das décadas de 50 e 60, passaram a ser vistos como exemplo de ascensão social (LESSER, 1999, 2007). Esta ascensão social passou a ser atribuída a uma suposta tendência da cultura japonesa de valorizar a educação, de tal modo que os japoneses teriam conseguido por meio dos estudos conquistar melhores empregos e mais oportunidades nas cidades.

Este tipo de idealização é bastante comum, e ainda não foi suficientemente criticado, mas não pretendo desenvolver esta crítica neste trabalho. Quero me limitar aqui a notar que essa idéia de ascensão social incorporada na imagem da escola, e que no Brasil é vista geralmente como algo positivo, constitui justamente um dos elementos criticados em Haru e Natsu. Os imigrantes japoneses que estudam, vão para a universidade e se tornam profissionais liberais ou empreendedores nas cidades e estão abandonando o ideal pré-capitalista tão caro à série e se rendendo ao capitalismo ocidental. Dentro da lógica da narrativa, portanto, não faria sentido destacar o papel da escola.

## Conclusão

Em minha análise de Haru e Natsu procurei apoio na tese já clássica de que a construção da memória está condicionada pelo momento presente e pelo contexto específico em que se dá a produção do discurso. Isso ficou claro no modo como a série japonesa, ao enfatizar o nacionalismo dos imigrantes japoneses, se afasta do ideal de integração e assimilação tão freqüentemente celebrado no Brasil durante as comemorações do centenário da imigração japonesa. Argumentei que isso se explica porque a narrativa da série se insere dentro do contexto mais amplo da sociedade japonesa, em que desde a década de noventa vem se fortalecendo uma tendência neonacionalista preocupada em condenar o caráter capitalista e ocidentalizado do Japão atual e resgatar sentimentos de orgulho por um certo ideal pré-capitalista e nativista de espírito japonês. Sem atentar para este contexto, torna-se impossível compreender a ideologia conservadora que constitui o cerne da narrativa.

## Notas

\* Doutorando no Departamento de Sociologia da Universidade de Kyoto. Área de pesquisa: etnicidade, migração internacional, identidade, memória, cultura e sociedade japonesa.

<sup>1</sup> Ver [http://www.nhk.or.jp/drama/harutonatsu/html\\_haru\\_midokoro.html](http://www.nhk.or.jp/drama/harutonatsu/html_haru_midokoro.html) (acessado em: 19 de março de 2010).

## Referências

DEZEM, Rogério. **Shindô-Renmei**. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **On collective memory**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

ISHI, Angelo. Burajiru nikkei imin no hyaku shunen. Imin kenkyu nempo, n. 15, 2009: p.3-26.

IVY, Marilyn. Revenge and recapitation in recessionary Japan. In: Harry Harootunian & Tomiko Yoda (Org.). **Japan after Japan**. Durham: Duke University Press, 2006.

KANG, Sang-Jung. The imaginary geography of a nation and denationalized narrative. In: Richard F. Calichman (Org.). **Contemporary Japanese thought**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2005.

KATO, Norihiro. **Haisengoron**. Tóquio: Kodansha, 1997.

KITADA, Akihiro. **Warau Nihon no “nashonarizumu”**. Tóquio: NHK Books, 2005.

KOJIMA, Shigeru. **Nihonjin imin no rekishi kara zainichi nikkeijin o kangaeru**. Aja yugaku, n. 117, 2008, p.28-37.

KOSCHMANN, J. Victor. National subjectivity and the uses of atonement in the age of recession. In: Harootunian; YODA (Org.), **Japan after Japan**. Durham: Duke University Press, 2006.

LESSER, Jeffrey. **Negotiating national identity**. Durham: Duke University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. **A discontented diaspora.** Durham: Duke University Press, 2007.

OHSAWA, Masachi. **Sengo no shiso kukan.** Tóquio: Chikuma, 1998.

YODA, Tomiko. A roadmap to millennial Japan. In: Harootunian; YODA (Org.). **Japan after Japan.** Durham: Duke University Press, 2006.

ZERUBAVEL, Eviatar. **Time maps.** Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

## **Abstract**

In 2008 Brazil celebrated the centenary of Japanese immigration. This gave rise to a great number of discourses, and in general they all tended to stress the integration of Japanese immigrants in Brazilian society. In this paper I point to the fact that in Japan a very different image was produced. By analyzing a Japanese television series entitled Haru to Natsu, I argue that Japanese immigrants are seen here as people who remain attached to the ideal of the Japanese nation. This kind of representation can only be fully understood once we consider the present situation of Japanese society, in which a significant neonationalist movement has gained momentum since the 1990s.

**Keywords:** Japanese immigration. Ethnicity. Memory. Representation. Nationalism.